À Janela

Costuma dizer-se que ninguém entra duas vezes no mesmo rio, pois a mim, o Tejo parece-me sempre o mesmo. Dou a volta à chave e entro em casa da minha avó.

— Avó, sou eu! — aviso para o corredor. — Trago-te mais revistas e hoje comprei uma cautela.

Pouso o saco na mesa. Há muito que o corpo da minha avó deixara de a acompanhar. Há quase dez anos que não sai de casa. As pernas inchadas, a respiração curta, o cansaço — tudo a foi prendendo entre estas paredes. Os dias passam-se entre revistas, palavras cruzadas, a televisão e a janela voltada para a rua.

Pela casa há folhas soltas, cadernos, pequenos papéis cobertos de letra miúda. Sempre com anotações das mais diversas: desde uma receita rápida que passou na televisão a um ponto de croché que registou. Fala muitas vezes do meu avô e de como nem tudo podia ser dito em voz alta. Ele escrevia cartas contra o regime, longas e intensas, mas nunca enviou nenhuma. Às vezes imagino encontrá-las — não para as mostrar ao mundo, mas para lhe ouvir a voz que ficou presa no papel. A minha avó hoje poderia dizer tudo o que pensa e atravessar o país, se o corpo deixasse.

E eu pergunto-me como é que alguém que quase não sai de casa tem sempre tanto para contar. Ela diz-me que da janela se vê e se aprende muito. Que vê o rio e as suas subidas, os que saem cedo para o trabalho, as crianças a caminho da escola, as lojas que abrem. Vê até o estado de espírito de quem passa.

Aproximei-me da janela. Enquadrei o rio, a luz quente a bater no vidro e a cadeira da minha avó; ajustei o filtro. Colei as palavras que tinha acabado de rascunhar, adicionei a fotografia e carreguei em publicar. O telemóvel vibrou quase de imediato no meu bolso.

“Que sorte ter uma avó assim.”

“Que texto tão bonito, chorei!”

Quarenta e oito pessoas gostaram da publicação em menos de dois minutos. Sorri para o ecrã.

Em cima da secretária vejo um molho de folhas, misturado com revistas já lidas. Serão para eu levar para a reciclagem. Entre elas há pequenos papéis dobrados. Pego no primeiro papel, e em alguns outros desalinhados, diria mesmo fora do seu sítio.

Segunda-feira, 16 de janeiro de 2006

Hoje o Tejo está quieto, graças a Deus. Os carros vão em direção a Lisboa. O filho do Sr. João saiu mais cedo para o comboio. Rezei as minhas orações e uma Ave-Maria pela bebé da vizinha da frente. Vai tão cedo para a rua, e é tão pequenina.

Terça-feira, 17 de janeiro de 2006

A D. Emília abriu a mercearia mais tarde. Já toda a gente sabia porquê antes do meio-dia. Houve quem entrasse só para lhe perguntar como estava. As crianças passaram a correr para a escola. Rezei as minhas orações. A Odete tem os mesmos lençóis estendidos há dois dias!

Quarta-feira, 18 de janeiro de 2006

Arrendaram a casa em frente há uma semana, mas não se sabe nada da vizinha nova, apenas que vive sozinha com a filha pequena.

Quinta-feira, 19 de janeiro de 2006

A vizinha nova continua sem falar com ninguém. Hoje saiu mais cedo com a menina com ar cansado. Trabalhará de noite? Será que deixa a menina sozinha? Não lhe vejo roupa estendida.

Segunda-feira, 6 de fevereiro de 2006

Houve, de certeza, algum acidente na linha de comboio esta manhã. Foi um passar de ambulâncias. Deus ajude quem mais precisa. A retrosaria está para trespasse. Faz-me tanta falta. Irão viver do quê?

Quarta-feira, 8 de fevereiro de 2006

Que manhã de chuva, o rio estava agitado. Estamos quase no Carnaval. A Odete tinha os lençóis estendidos, liguei-lhe assim que vi este temporal.

Folheei o resto de 2006, vi passar 2007, 2008, 2010, 2012, 2015, 2018... centenas de papéis com nomes de vizinhos que nunca conheci.

Parei onde o tempo parecia ter congelado para todos.

Sexta-feira, 8 de maio de 2020

Não se vê ninguém. O rio continua o mesmo. A rua, já não.

Terça-feira, 26 de maio de 2020

As portas das lojas abriram outra vez. Voltaram algumas pessoas. Passam de máscara, afastam-se umas das outras. São as mesmas pessoas, mas não parecem.

Fui diretamente aos últimos papéis.

Segunda-feira, 5 de janeiro de 2026

Abriu uma padaria nova na rua. A minha neta veio cá a casa visitar-me, trouxe-me mais umas revistas; ajudam-me a passar o tempo. Parece sempre apressada. Tenho dúvidas se ouve o que lhe digo!

Terça-feira, 6 de janeiro de 2026

A D. Helena ainda não voltou à ourivesaria. No sábado passado o neto veio ajudar o avô, mas veio mais de quatro vezes à porta com o telemóvel; pareceu-me bom rapaz, até conversei com ele da janela.

Sábado, 10 de janeiro de 2026

A D. Helena voltou à loja, já não era sem tempo! Fazia já falta aqui na rua. O neto veio ajudar na mesma.

Segunda-feira, 12 de janeiro de 2026

A D. Emília abriu a mercearia. Ninguém parou. Ficou à porta algum tempo. Entrou outra vez.

Procurei outro papel. Não havia nenhum depois daquele. Fiz as contas. O último dia, exatamente há um mês…

O telefone tocou. Sobressaltei-me.

— Boa tarde. Fala da imobiliária. Mantemos a entrega das chaves para sexta-feira?

Olhei em volta. A cadeira continuava voltada para a janela, vazia. A chávena ainda estava sobre a mesa, fria. As revistas empilhadas.

— Sim... sexta-feira.

Desliguei.

O telemóvel voltou a vibrar. Sem olhar para o ecrã, pus o som em silêncio. Sentei-me na cadeira da minha avó. Abri a janela. O vento entrou primeiro.

A D. Emília estava à porta da mercearia. Um barco desliza no rio. Alguns estudantes regressavam da escola e reparei na padaria nova.

Peguei nas chaves, nas revistas e na cautela e saí a correr.

Ao passar pela ourivesaria, ouvi chamarem-me.

— Menina... espere!

Voltei-me.

— Ainda bem que a encontrei. Isto era da sua avó.

Abri uma pequena caixa. Lá dentro, a luz parecia concentrar-se num círculo de vidro. Uma lupa repousava sobre o veludo vermelho, como um olhar calmo e atento. O seu cabo de madeira guardava o peso de uma espera que eu só agora começava a decifrar e que ia muito além das páginas das revistas.

— A minha avó pediu-lhe isto?

O homem abanou a cabeça.

— Pediu-me apenas para lhe mudar o cabo. O antigo partiu-se. Mas achei que iria gostar da oferta da gravação das suas iniciais. Infelizmente não chegou a tempo; uma pena, pois já não conseguia fazer as palavras cruzadas, e assim, pelo menos, lia as revistas de ponta a ponta.

— Não as fazia?

O homem olhou para mim, surpreendido.

— Há mais de um ano que não as fazia e recorria à lupa para fazer as suas leituras.

Olhei para o maço de revistas que carregava.

— A sua avó falava muito de si. Dizia sempre: "A minha neta nunca se esquece das revistas."

Fiquei em silêncio, agradeci apenas, guardei a lupa e continuei a andar. Sem pressa, fui caminhando ao longo da rua e contemplando cada detalhe como se fosse a primeira vez. Mais à frente vi a imobiliária e entrei.

O senhor levantou-se da secretária.

— Veio entregar as chaves mais cedo? Conseguiu despachar tudo?

— Não.

Ele franziu a testa.

— Então? Já não quer vender?

— Não…

— Posso perguntar porquê?

Olhei para a chave na minha mão e depois para a rua lá fora.

— Porque desta casa vejo que o Tejo nunca é o mesmo.

M. K. Mendes